

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

Camila Orsatto Paula

**TRAÇOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COMO PROFESSORA DE MÚSICA**

Porto Alegre  
2022

Camila Orsatto Paula

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de licenciada em Música.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Marta Del Ben

Porto Alegre  
2022

#### CIP - Catalogação na Publicação

Paula, Camila Orsatto  
TRAÇOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COMO PROFESSORA DE  
MÚSICA / Camila Orsatto Paula. -- 2022.  
38 f.  
Orientadora: Luciana Marta Del Ben.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-RS,  
2022.

1. Docência de música. 2. Construção docente. 3.  
Saberes docentes. I. Del Ben, Luciana Marta, orient.  
II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Fátima Orsatto e Ronildo Mathias, pela compreensão durante o período de elaboração deste trabalho e por todo o apoio na minha trajetória como docente e musicista.

Ao meu irmão, Ricardo Orsatto, por não me deixar desistir, mesmo nos momentos mais desafiadores.

À minha orientadora Luciana Marta Del Ben, pelos ensinamentos, pela paciência e pela compreensão das dificuldades do meu contexto de estudante que trabalha.

À minha supervisora de estágio Joana Lopes Pereira, por me ensinar, na prática, o que é ser uma professora firme e gentil.

Ao meu namorado, Bruno Nascimento, por me acompanhar em meio às crises e desafios.

À Nathália, minha primeira aluna, a quem devo o encontro com a profissão docente.

A todos os meus alunos e minhas alunas que contribuem diariamente para a minha construção como professora.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar traços do meu processo de construção como professora de música, que trabalha e estuda, tecendo relações entre minha atuação como professora particular e como estagiária do curso de licenciatura em música. Adotando como estratégia de trabalho a análise documental, anotações de aulas particulares de música e relatórios de prática de ensino do estágio do curso de licenciatura em música foram analisados com base nos eixos de conhecimento definidos por Maria do Céu Roldão. Ao refletir sobre a frequência desses eixos em cada tipo de documento, foi possível perceber traços da minha construção como professora de música. Identificar o que cada anotação e cada relatório trazem consigo de saberes me possibilitou compreender aspectos que eu julgava importante registrar e para onde se direcionava minha atenção em cada período e em cada contexto de atuação como professora, assim como perceber quais saberes docentes ainda estão em processo de construção.

Palavras-chave: docência de música; construção docente; saberes docentes.

## **ABSTRACT**

This undergraduate final paper aimed to identify traces of the process of my construction as a music teacher, who works and studies, weaving relationships between my performance as a private teacher and as an intern of the degree in music education. Adopting document analysis as a work strategy, notes from private music lessons and reports of teaching internship in music education were analyzed based on the axes of knowledge defined by Maria do Céu Roldão. Through reflection on the frequency of these axes in each type of document it was possible to perceive traces of my construction as a music teacher. Identifying what each note and each report bring with it in terms of teachers' knowledge made it possible for me to understand aspects that I considered important to record and where my attention was directed in each period and in each context of work as a teacher, as well as to realize which axes of knowledge are still in process of construction.

Keywords: music teaching; teacher construction; teachers' knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>14</b>
<b>3 RESULTADOS .....</b>	<b>17</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Comecei a me descobrir como professora em 2014, aos 16 anos, enquanto ainda estava no ensino médio. Nesse ano, ao assistir ao festival de música da escola em que estudava, uma menina que estava se apresentando chamou a minha atenção, a Marina<sup>1</sup>, de 13 anos, dona de uma voz bonita e de um timbre diferente. Eu, que já cantava e me apresentava há bastante tempo, desde 2007, nesses mesmos festivais de nossa escola, pensei que, mesmo com a pouca idade que tinha, poderia ajudá-la, compartilhando um pouco das coisas que já sabia sobre canto e técnica vocal. No dia seguinte ao festival, procurei Marina na escola e perguntei se ela não gostaria de fazer aulas de canto comigo, pois eu havia assistido sua apresentação no dia anterior e acreditava que ela tinha bastante potencial. Eu disse que as aulas seriam gratuitas, pois eu ainda não tinha experiência como professora, mas tinha bastante conhecimento sobre música para dividir com ela. Ela aceitou, e assim comecei nos meus caminhos como professora, pela vontade de ajudar e compartilhar.

A partir dessa experiência, fui me conectando com outros contextos depois de sair da escola e, através de indicações, acolhendo novos alunos. Ao mesmo tempo, eu ingressava no curso de bacharelado em música popular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscando por aprimoramento e objetivando a construção de uma carreira como cantora e compositora. Escolhi esse curso porque, depois de muitos anos me apresentando e cantando em festivais, a música como performance era o meu propósito, e eu poderia seguir lecionando paralelamente.

No início do meu período acadêmico, estava bastante empolgada, mas logo tive algumas frustrações relacionadas ao andamento do curso e me permiti refletir sobre as minhas opções de carreira. No meio do segundo semestre, decidi realizar outro vestibular, dessa vez para pedagogia, pois cada vez mais as aulas particulares faziam parte da minha rotina e eu sentia falta de embasamento para seguir na minha construção como professora.

Ingressei no curso de pedagogia em 2017, buscando me encaixar em algum lugar. Já que gostava muito de dar aulas e tinha facilidade para lidar com as

---

<sup>1</sup> Todos os nomes mencionados neste trabalho são fictícios.

peessoas, acreditei que a pedagogia seria uma boa opção de curso. Inicialmente, tive o mesmo deslumbramento, ao iniciar disciplinas sobre educação, infâncias e inclusão, mas logo a frustração veio novamente, dessa vez, porque a música não estava presente. Nesse pequeno período em que estive no curso de pedagogia, parei de me apresentar, de seguir a performance como carreira e deixei a música apenas como lazer.

Em setembro de 2017, fui aprovada na seletiva do Natal Luz de Gramado e naquele ambiente me senti muito acolhida e valorizada. Percebi também que, ao combinar o retorno aos palcos com as aulas particulares que seguia ministrando, estava completa. Decidi, então, realizar uma nova tentativa, dessa vez, a partir do processo de transferência interna: licenciatura em música. Estava na van, indo para Gramado, quando recebi a notícia de que havia passado. Todos os meus colegas vibraram comigo e tive a sensação de que, dessa vez, a escolha seria certa, porque tanto a docência quanto a performance teriam papel de destaque na minha vida.

Ao ingressar na licenciatura, já ministrava aulas particulares de canto e piano para mais de 15 alunos e, em função da carga horária de trabalho, me deparei com a dificuldade de conciliar o meu trabalho com a realização de um curso denso e com inúmeras disciplinas que exigiam bastante dedicação. Lembro que, no primeiro curso de graduação no qual ingressei, eu observava as pessoas que trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo e pensava sobre como seria estar naquela posição, sem cogitar que dali a dois anos essa seria a minha realidade, pois, quando comecei a dar aulas, tinha apenas poucos alunos e, em 2018, ano de ingresso na licenciatura em música, o número de alunos havia aumentado bastante.

Nos primeiros semestres do curso de licenciatura tive mais facilidade para acompanhar os estudos na universidade, mas, conforme o curso foi avançando, as demandas de leituras, trabalhos e frequência foram aumentando, assim como o meu número de alunos particulares, culminando em frustração por não conseguir dar conta de tudo. Tenho a tendência de acumular mais funções do que deveria, o que, obviamente, me sobrecarregou ao longo dos anos. Entretanto, por considerar minhas motivações genuínas – dar aulas bem planejadas, acolher novos alunos que

desejavam ter aulas de música, obter mais fundamentação para desenvolver as aulas –, sempre achei o excesso de trabalho válido e importante.

Quando as disciplinas de estágio de docência em música iniciaram, o excesso de tarefas e afazeres se tornou mais evidente. Por outro lado, emergiu um espaço para reflexão que me permitiu pensar sobre a minha prática e contribuiu para a decisão de escrever um trabalho sobre o meu caminho como docente em construção: uma professora particular que ainda não é licenciada, uma aluna que estuda sobre a docência e pratica a docência como estagiária ao mesmo tempo. Morato (2009, p. 269) aborda, em sua tese, a vida dos alunos que estudam e trabalham como “uma vida formativa, pois são marcados por tudo e por cada dia em que vivenciam experiências estudando e trabalhando”.

Quando comecei a lecionar, minha motivação inicial era contribuir para a aprendizagem musical da minha primeira aluna, compartilhando com ela as minhas experiências prévias. Pela razão de nunca ter atuado como docente e ainda não ter finalizado o ensino médio, optei por ministrar aulas gratuitas para ela por um ano, pois a minha busca naquele momento era pela experiência.

De acordo com Bondía (2002, p. 2), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O saber que provém da experiência não se separa do sujeito que passa por ela, porque a experiência acontece a partir da relação entre acontecimento e sujeito. O sujeito da experiência é definido “(...) por sua receptividade, sua disponibilidade, por sua abertura (...)”, e, ao permitir que o que passa o forme, também está aberto à sua própria transformação.

Logo nas primeiras aulas eu já tinha sido tocada por experiências significativas que suscitaram em mim a vontade de registrá-las para que não fossem esquecidas – desde comentários, gestos e avanços técnicos e expressivos da aluna até percepções mais amplas e pensamentos meus sobre os seus processos de aprendizagem. As anotações se mantiveram, mas, aos poucos, foram se tornando mais completas, englobando processos mais detalhados e reflexões, especialmente depois cursar as disciplinas de estágio de docência em música e iniciar a elaboração de relatórios. Mais além, o objetivo das anotações passou a abranger não só o

registro e a análise de experiências para guardar e revisitar, mas, essencialmente, para entender um pouco mais sobre a minha construção como professora ao longo dos anos.

A importância da narrativa de experiências é enfatizada por Suárez (2007, p. 12), para quem:

Toda a narração ou texto autobiográfico supõe em si mesmo interpretação, construção e reconstrução de sentidos, leituras do próprio mundo e da própria vida. Então, quando narram experiências pedagógicas que tiveram como protagonistas, os docentes estão reconstruindo interpretativamente partes de suas trajetórias profissionais e dando sentidos particulares ao que fizeram anteriormente (...) no mesmo movimento em que reelaboram reflexivamente parte de suas vidas eles se repositionam a respeito delas.<sup>2</sup>

O autor também aponta que as narrativas

(...) propõem uma alternativa para a formação de grupos docentes que indagam e refletem sobre os mundos escolares, recriam seus saberes, problematizam suas experiências e buscam transformar suas práticas contando histórias, escutando, lendo, interpretando-as e projetando novas formas de compreender e valorizar suas práticas. (SUÁREZ, 2007, p. 12)<sup>3</sup>

A partir da leitura de Suárez (2007), entendo que narrar a si próprio é justamente se situar historicamente com todas as suas cargas e bagagens dentro de uma situação de aula. Ao colocar no papel experiências, angústias, desafios, empolgações e dificuldades, o professor contribui para sua própria formação. Ao compartilhar sua prática e suas reflexões, também pode contribuir para o desenvolvimento profissional de outros docentes.

---

<sup>2</sup> toda narración o testimonio autobiográfico ya suponen en sí mismos interpretación, construcción y recreación de sentidos, lecturas del propio mundo y de la propia vida. Así, cuando narran experiencias pedagógicas que los tienen como protagonistas, los docentes están reconstruyendo interpretativamente parte de sus trayectorias profesionales y les están otorgando sentidos particulares a lo que hicieron y a lo que alcanzaron a ser en un determinado momento como docentes, en el mismo movimiento en que reelaboran reflexivamente parte de sus vidas y se re-posicionan respecto de ellas

<sup>3</sup> proponen una alternativa para la constitución de colectivos docentes que indagan reflexivamente los mundos escolares, recrean sus saberes, problematizan sus experiencias y pretenden transformar sus prácticas contando historias, escuchándolas o leyéndolas, interpretándolas y proyectándolas hacia otros horizontes mediante nuevas formas de nombrarlas, de comprenderlas y de valorarlas.

Decidi, então, tomar meus escritos, tanto das aulas particulares quanto das disciplinas de estágio, como objeto de estudo do meu trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo identificar traços do meu processo de construção como professora de música, que trabalha e estuda, tecendo relações entre minha atuação como professora particular e como estagiária do curso de licenciatura em música. Essa relação pode ser exemplificada por Morato (2009, p.118), quando afirma que

Colocar em prática o que se aprende na graduação não necessariamente deve ser interpretado como se o curso ensinasse mais do que o trabalho, mas tão somente como não se pode passar ileso pelas experiências vivenciadas. Mesmo os que já trabalhavam, uma vez no curso já não são mais os mesmos: o que vivem e aprendem no curso transforma-os, não há como voltar ao trabalho como se nada houvesse acontecido. Nem como frequentar o curso sem levar as experiências construídas no trabalho.

Para a elaboração deste trabalho foram revisitados dois trabalhos de conclusão de curso que adotam a análise de documentos como método. São eles: “Arranjos para o ensino de música na educação básica: uma narrativa pedagógica da construção de dois arranjos em sala de aula”, de Andréia Maliszewski Antonio Greco (2021), e “Ensinar música remotamente: um relato sobre o processo de aprender a ser professor de música durante o estágio de docência”, de Paulo Alfredo Deretti (2021).

O trabalho de Greco (2021) tem como objetivo a reflexão sobre o processo de elaboração dos arranjos feitos por ela e por duas turmas para as quais lecionou, uma delas durante o estágio de docência em música, realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS, e a outra no colégio onde ela lecionava, no município de Canoas. O trabalho detalha, através de narrativas pedagógicas, o passo a passo para a elaboração dos arranjos, incluindo as diferenciações entre os processos de cada turma, as dificuldades encontradas, as angústias da autora como docente e as motivações e ideias que foram surgindo a partir dos percalços e desafios.

O trabalho inicia com uma introdução que conta um pouco da história da autora, sua atuação, formação prévia, o gosto pela elaboração de arranjos – assim como a necessidade de fazê-los devido à falta de materiais adequados/completos – e motivações para a escolha do tema do trabalho. Posteriormente, são apresentadas

as perspectivas teóricas para a elaboração dos arranjos e a revisão de literatura, abrangendo concepções de ensino e aprendizagem de música, conhecimento musical e educação musical, de forma relacionada com a experiência de vida da autora do trabalho. Depois, são apresentadas definições de arranjos, arranjos didáticos e arranjos vocais, com base em dicionários, livros e artigos. Em seguida, é apresentada a metodologia do trabalho – as narrativas pedagógicas, com base em autores como Larrosa, Bolívar e Prado. Depois, são apresentadas as narrativas relacionadas aos processos de elaboração dos arranjos de cada turma, de forma detalhada e reflexiva.

No trabalho de Greco (2021) é nítida a busca da autora pela valorização da vivência e da individualidade de cada aluno. Isso aparece tanto nas suas palavras quanto nas referências escolhidas para a fundamentação do trabalho, que defendem a busca por uma aprendizagem relevante através da elaboração de estratégias pedagógicas que sejam significativas para os alunos. Os dois processos, mesmo tendo formatos de arranjos iguais (medleys), se desenharam de formas diferentes: notação não convencional na primeira turma e notação convencional e não convencional na segunda turma, diferentes escolhas de instrumentos e de repertório, formas de engajamento e estratégias pedagógicas distintas, que foram sendo delineadas a partir das dificuldades e potencialidades encontradas. A autora consegue mostrar a importância de olhar para cada aluno com individualidade, ao mesmo tempo que contempla a turma como um todo.

Articulando com a utilização dos documentos como base para análise, Greco (2021, p. 43) afirma que a estratégia escolhida para a elaboração do trabalho, as narrativas pedagógicas, possibilitou a ela um olhar crítico sobre a própria prática, visto que

ao buscar os fatos ocorridos através de relatórios, anotações, planos de aula e na própria memória, pude refletir sobre o quanto das minhas experiências na trajetória acadêmica e profissional estão presentes nas tomadas de decisões pedagógicas de hoje, assim como estabelecer concepções da própria profissão.

Já o trabalho de Deretti (2021) tem como objetivo o estudo dos processos de planejamento e produção de aulas de música no contexto pandêmico de 2020/2021,

durante o estágio de docência em música. Ao examinar as estratégias de ensino escolhidas para a solução das dificuldades encontradas no contexto do ensino remoto emergencial, analisou de que forma o planejamento das aulas transformou seu próprio processo de ensinar música. Através do relato de experiência, contou suas dificuldades, desafios e soluções que contribuíram para o seu processo de formação.

O autor aborda, no início do trabalho, a contextualização do período da pandemia de Covid-19 e a adoção necessária do ensino remoto emergencial no país. Em seguida, estabelece relações entre o ensino presencial e o ensino remoto, focalizando suas dificuldades: a busca por novas formas de interação, o distanciamento, o acesso à internet e a produção de vídeos e a constante atualização de suas formas de ensinar. O trabalho objetiva apresentar o processo de produção das aulas e analisar experiências e momentos vividos ao longo do estágio de docência em música, englobando desafios que o acompanharam durante seus processos de planejamento e realização das aulas.

Sobre a utilização de documentos para análise, Deretti (2021, p. 8) afirma que

ao examinar estratégias de ensino e aprendizagem escolhidas para a solução das dificuldades e desafios encontrados durante essa experiência e analisar como a produção de tais aulas transformou a minha forma de enxergar o processo de ensinar música.

Os dois trabalhos trazem a reflexão sobre a própria prática a partir da análise dos documentos. Em ambos, é evidente a importância da análise e reflexão sobre os documentos para a tomada de decisões pedagógicas e a relevância das narrativas e relatos para a construção e transformação docentes.

## 2 METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho escolhi como estratégia a análise documental.

Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5) definem a análise documental como “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Afirmam também que “Inicialmente deve-se localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade.” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.10).

Ainda sobre a seleção, Junior, Oliveira, Santos e Schnekenberg (2021, p. 3) dizem que, “Para se utilizar os documentos, na pesquisa, cabe ao pesquisador analisá-los e definir se será ou não preponderante para o estudo, tendo o objetivo como fundamento da Análise Documental como percurso metodológico numa pesquisa qualitativa”.

Sobre a justificativa para o uso de documentos em pesquisa, Cellard (2008, p. 303) afirma que os documentos

permitem acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Por último, sobre o conteúdo dos documentos, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.8) afirmam que

É impossível transformar um documento; é preciso aceitá-lo tal como ele se apresenta, às vezes, tão incompleto, parcial ou impreciso. No entanto, torna-se, essencial saber compor com algumas fontes documentais, mesmo as mais pobres, pois elas são geralmente as únicas fontes que podem nos esclarecer sobre uma determinada situação.

Os documentos utilizados neste trabalho foram as anotações realizadas ao longo dos meus anos de experiência como professora particular e os meus relatórios de prática de ensino como estagiária do curso de licenciatura em música.

Inicialmente, foram coletados e lidos todos os registros feitos de cada um dos alunos particulares que tive. Parte desses registros estava no formato digital, em arquivos separados dentro de pastas com o nome de cada aluno, e parte estava em cadernos e fichários que utilizei ao longo dos anos.

Em seguida, a seleção foi feita a partir da escolha de determinados alunos particulares que me marcaram: alguns por terem sido os meus primeiros alunos, outros por terem me proporcionado desafios no processo de ensino e aprendizagem e outros pela boa relação e convivência. Foram escolhidos, então, sete alunos: Marina, Laura, Guilherme, Júlia, Silvana, Nina e Stella. Em seguida, foram selecionadas e organizadas por ano todas as anotações sobre cada um desses alunos. No total, foram escolhidas 17 anotações de Marina, sete de Laura, 13 de Guilherme, nove de Júlia, duas de Silvana, nove de Nina e cinco de Stella.

Como muitas dessas anotações foram escritas à mão, tive que transcrever boa parte delas, o que me proporcionou revisitar com atenção vários dos momentos que tive ao longo da minha experiência docente. Pude lê-las com um olhar mais crítico e detalhista, a partir das minhas experiências no curso de licenciatura, e apreciá-las como leitora. Somadas, as anotações sobre esses 7 alunos particulares totalizaram 25 páginas, tamanho A4, espaço 1,5, fonte Arial, tamanho 12.

A análise das anotações foi feita com base nos eixos do conhecimento sistematizados pela portuguesa Maria do Céu Roldão (2010, p. 29). A escolha por Roldão (2010) se deu em função das leituras de textos dessa autora realizadas durante o primeiro semestre que tratavam da docência como profissão. De acordo com a autora, determinados conhecimentos são necessários para ensinar, sendo eles:

- Saber o que ensinar: conhecimento de conteúdo que objectiva o que deverá ser apropriado pelo aprendente.
- Saber por que e para que ensinar: conhecimento curricular, enquadrador dos conteúdos na sua razão de ser e finalidade num dado currículo.
- Saber como ensinar: conhecimento pedagógico-didático do conteúdo e das diversas estratégias de ensino passíveis de ser mobilizadas.
- Saber a quem se ensina: conhecimento do sujeito, seu percurso e seu contexto, em termos de clarificar os seus modos e processos de aceder ao que é ensinado.

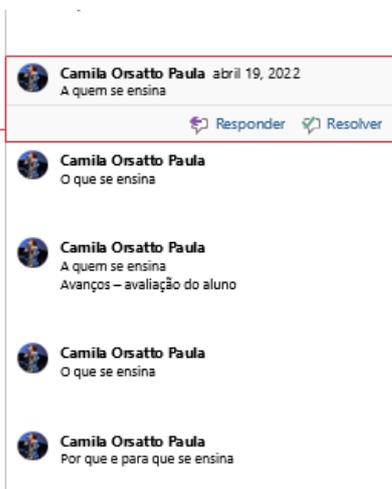
- Saber conceber e escolher como ensinar de acordo com cada situação: conhecimento estratégico que articula os conteúdos, os sujeitos e as estratégias e técnicas disponíveis em termos da adopção de uma linha estratégica diferenciada para cada situação singular (SOUSA, 2010).
- Saber analisar e avaliar como se ensinou: conhecimento reflexivo que permite ao docente reanalisar reflexivamente a sua acção, retroagir ou reorientar em função da análise feita.
- Saber reorientar as estratégias futuras com base na avaliação feita: conhecimento regulador.

As anotações foram analisadas e classificadas de acordo com os saberes acima elencados, utilizando o recurso de comentários da ferramenta Word, como exemplifica a figura a seguir.

**Figura 1: Exemplo de análise**

04/09/2021

- (presencial) O Guilherme está cantando com violão, o que possibilita a "independência musical", já que ele está começando a pensar sobre iniciar apresentações em bares e cafés. Os agudos dele estão muito firmes, a tensão diminuiu bastante. Ele vai até o Fá # sem mais se espremer. As músicas estão transparecendo mais verdade, ele canta com conhecimento técnico e com qualidades expressivas e identificação. O humor e o emocional dele parecem muito melhores do que no ano de 2019! Fizemos os vocalizes *brim brem brim, nuonuuuu, bravo figaro, vivvi e hungó*. Esse último ajudou muito no giro da voz porque trabalha a ressonância e facilitou muito a projeção.



Fonte: a autora.

Com os relatórios elaborados nas disciplinas de estágio foi feito o mesmo processo. Depois de coletados e lidos, esses relatórios foram classificados conforme os eixos do conhecimento definidos por Roldão (2010).

Posteriormente, em ambos os tipos de documento, foi feita uma análise quantitativa, verificando a frequência de cada eixo em cada documento. Por fim, foram analisadas as frequências e discutidas as razões pelas quais determinados materiais abordam mais um eixo do que outro, além de ausências, relações entre os tipos de documento e a construção do conhecimento profissional a partir dos eixos.

### 3 RESULTADOS

Antes de apresentar os resultados da análise, é importante dizer que os dois tipos de documentos analisados neste trabalho têm características distintas. Os relatórios de estágio têm formato e extensão similares, já as anotações de cada aluno particular são mais variadas, pois não existe um padrão para fazer esse registro. Algumas são em formato de texto, enquanto outras, em formato de tópicos. Enquanto as anotações das aulas particulares são mais sucintas e diretas, com aspectos mais pontuais dos processos de ensino e aprendizagem, os relatórios de estágio são detalhados, mais extensos e trazem mais reflexões acerca da minha prática.

Essas diferenças ocorrem por dois motivos principais. O primeiro deles é em função da carga horária: enquanto as aulas particulares são intercaladas umas às outras, sem intervalos, e o tempo para escrever é curto devido ao grande número de alunos, nas aulas de estágio temos uma carga horária específica para a elaboração de relatórios, e apenas uma turma. O segundo motivo é a demanda do estágio, já que eu era solicitada a escrever relatórios detalhados e reflexivos, o que não ocorre nas aulas particulares.

Ao categorizar cada tipo de documento, percebi que tive mais dificuldade nos relatórios de estágio do que nas anotações das aulas particulares, pois os eixos aparecem de forma interligada nos relatórios, indicando relações entre uma informação e outra e mostrando as interações que ocorriam em aula; ao categorizá-los, percebi que a mesma frase se encaixava em mais de um eixo devido a essas relações. Na análise das anotações das aulas particulares, devido à apresentação de aspectos mais pontuais, a categorização foi mais simples de ser feita.

À medida que eu categorizava os dados, fui percebendo que, de modo geral, alguns eixos de conhecimento eram mais recorrentes que outros e que alguns eixos eram mais recorrentes em um dos tipos de documento. Decidi, então, verificar a frequência de cada eixo do conhecimento nos documentos analisados. Os resultados dessa verificação são apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 1: Frequência dos eixos de conhecimento nos documentos analisados.**

Eixos do conhecimento	Anotações		Relatórios	
	N	%	N	%
Saber o que ensinar	133	47,84	24	15,58
Saber por que e para que ensinar	6	2,16	1	0,65
Saber como ensinar	34	12,23	66	42,86
Saber a quem se ensina	91	32,73	59	38,31
Saber conceber e escolher como ensinar de acordo com cada situação	9	3,24	1	0,65
Saber analisar e avaliar como se ensinou	5	1,80	3	1,95
Saber reorientar as estratégias futuras com base na avaliação feita	0	0	0	0
Total	278	100	154	100

Fonte: a autora.

Ao analisar a frequência de cada um dos eixos nos documentos, pude constatar que, em ambos os tipos, os eixos que mais aparecem são “o que se ensina”, “como se ensina” e “a quem se ensina”; o foco, portanto, está no conteúdo, nos procedimentos de ensino e no aluno. A baixa porcentagem do “por que e para que ensinar” se relaciona com os objetivos da aula, algo que tive bastante dificuldade de elaborar durante as aulas de estágio. Além disso, em ambos os documentos, a baixa porcentagem sugere que minha preocupação é com um fazer, mas sem registrar minha intencionalidade com relação a esse fazer. A ausência do eixo “saber reorientar as estratégias futuras com base na avaliação feita” depende de uma atitude bastante reflexiva do professor, algo que percebo que ainda estou buscando aprimorar em meu processo de construção como docente.

Entretanto, as porcentagens de alguns dos eixos têm diferenças relevantes entre cada formato. Enquanto nas anotações das aulas particulares o eixo “saber o que ensinar” representa 47,48% do total de trechos classificados, nos relatórios de estágio o mesmo eixo representa 15%. Já o eixo “saber como ensinar” representa 12,23% nas anotações das aulas particulares, enquanto nos relatórios de estágio a porcentagem é de 42,85%. Acredito que essas diferenças ocorram porque nas aulas de estágio fui demandada a detalhar o desenvolvimento da aula e refletir sobre ele, o que faz com que os procedimentos de ensino apareçam muito mais do que nas aulas particulares. Nestas, o conteúdo é mais abordado porque as aulas são de

canto e de piano e normalmente o eixo “o que se ensina” se relaciona com o repertório que é trabalhado. Sobre o conteúdo, percebo que tenho dificuldades em nomear o que ensino e espero que os alunos aprendam em termos de informações, conceitos habilidades – motoras, perceptivas e cognitivas –, disposições, sensibilidades, atitudes e valores. Normalmente, o conteúdo é explicitado como repertório ou refere-se à técnica do canto e do piano. O repertório ocupa o tempo da aula, mas não é conteúdo no sentido estrito, se relaciona mais com a forma como eles são trabalhados.

Além disso, por não ter experiência na educação básica, o “como se ensina” foi minha principal preocupação, pois tive que construir uma outra forma de ensinar, tendo em vista se tratar de um grupo de alunos e de aulas em que o instrumento ou a voz não são o eixo central das aulas. Nas aulas particulares, o como ensinar é algo familiar, que já está internalizado e, por isso, muitas vezes, não está escrito. Com relação ao eixo “saber a quem se ensina”, a frequência é similar nos dois tipos de documento: 32,73% nas anotações das aulas particulares e 38,31% nos relatórios de estágio. A frequência se justifica em função da minha preocupação com os alunos, em ambos os tipos de documentos.

Essas diferenças de frequência entre cada tipo de documento analisado podem ser percebidas nos exemplos que apresento a seguir. O primeiro é uma anotação feita em 2019, da aluna particular Marina:

**Figura 2: Análise de anotação da aula da aluna Marina**

**2019**

06/03/2019

- Iniciação ao piano e teoria musical. Partitura, notas, figuras rítmicas, acordes, fórmula de compasso. Análise da partitura de "Lay me Down" do Sam Smith.
- Na primeira aula do ano, organizamos os focos e objetivos do semestre. Aumentar extensão vocal, firmar tessitura, cantar e se acompanhar, descobrir identidade através da experimentação. Escolhemos 7 músicas de diferentes estilos para cantarmos ao longo do semestre e experimentarmos. Focamos na compreensão dos conteúdos base, início da partitura e início da ideia de harmonia e acordes.

 **Camila Orsatto Paula**  
O que se ensina

 **Camila Orsatto Paula**  
Por que e para que se ensina

 **Camila Orsatto Paula**  
O que se ensina

 **Camila Orsatto Paula**  
O que se ensina

Fonte: a autora.

Nos trechos a seguir, o eixo referente é “o que se ensina”: “Iniciação ao piano e teoria musical”, “Partitura, notas, figuras rítmicas, acordes, fórmula de compasso”, “Análise da partitura de Lay me Down do Sam Smith”, “extensão vocal, firmar tessitura, cantar e se acompanhar, descobrir identidade através da experimentação” e “Escolhemos 7 músicas de diferentes estilos para cantarmos ao longo do semestre e experimentarmos. Focamos na compreensão dos conteúdos base, início da partitura e início da ideia de harmonia e acordes”

O trecho “Na primeira aula do ano, organizamos os focos e objetivos do semestre. Aumentar extensão vocal, firmar tessitura, cantar e se acompanhar, descobrir identidade através da experimentação” refere-se ao eixo “por que e para que se ensina”.

O segundo exemplo é um relatório de estágio no Colégio de Aplicação da UFRGS, elaborado em 2021:

**Figura 4: Análise de relatório de estágio (28/05/2021)**

Relatório da SEMANA 14 – 28/05	
Na aula dessa semana, o encontro foi feito através do Google Meet. A <u>idéia</u> da aula era, inicialmente, retomar as gravações mandadas na atividade da semana anterior, conversando sobre as gravações, dando feedbacks positivos e gerais, de uma maneira descontraída e sem termos técnicos, focando no engajamento dos estudantes. Nessa parte inicial, os feedbacks foram recebidos bem pelos alunos, e muitos disseram que adoraram a proposta. Outros relataram dificuldade em mandar os áudios/vídeos, em função de falta de equipamentos e dor de garganta.	Camila Orsatto... Como ensinar
	Camila Orsatto... A quem se ensina
Depois de conversar um pouco, mostrei aos alunos um vídeo, pedindo a eles que pensassem na forma que a música era construída. Mostrei o vídeo <a href="https://www.youtube.com/watch?v=UFLmnbuP_U">https://www.youtube.com/watch?v=UFLmnbuP_U</a> , cujas músicas pertenciam mais do contexto dos estudantes. Os alunos amaram o vídeo, e fizeram vários comentários, dentre eles, o da Luiza: “Eu achei muito legal que as músicas parecem conectadas, a mesma base para todas as canções”. Depois dos comentários dos alunos, expliquei que aquele vídeo era um Medley, uma junção de vários trechos de música, conectados pela base de acordes. Em seguida, perguntei a eles o que achavam de construirmos um Medley com os trechos enviados por eles. Muitos sorriram, alguns disseram que sim, outros fizeram um <u>joinha</u> .	Camila Orsatto... Como ensinar
	Camila Orsatto... O que ensinar
	Camila Orsatto... A quem se ensina
	Camila Orsatto... Como ensinar
	Camila Orsatto... O que ensinar
	Camila Orsatto... A quem se ensina

Fonte: a autora.

O eixo “como se ensina” está presente nos trechos abaixo:

Na aula dessa semana, o encontro foi feito através do Google Meet. A ideia da aula era, inicialmente, retomar as gravações mandadas na atividade da semana anterior, conversando sobre as gravações, dando feedbacks positivos e gerais, de uma maneira descontraída e sem termos técnicos, focando no engajamento dos estudantes.

Depois de conversar um pouco, mostrei aos alunos um vídeo, pedindo a eles que pensassem na forma que a música era construída. Mostrei o vídeo [https://www.youtube.com/watch?v=UFLmnvbuP\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=UFLmnvbuP_U), cujas músicas pertenciam mais ao contexto dos estudantes.

Depois dos comentários dos alunos, expliquei que aquele vídeo era um Medley, uma junção de vários trechos de música, conectados pela base de acordes. Em seguida, perguntei a eles o que achavam de construirmos um Medley com os trechos enviados por eles.

Informações sobre “a quem se ensina” aparecem neste trecho: “Os alunos amaram o vídeo, e fizeram vários comentários, dentre eles, o da Luiza: ‘Eu achei muito legal que as músicas parecem conectadas, a mesma base para todas as canções’; também na frase “Muitos sorriram, alguns disseram que sim, outros fizeram um joinha” e, por fim, neste trecho: “(...) Nessa parte inicial, os feedbacks foram recebidos bem pelos alunos, e muitos disseram que adoraram a proposta. Outros relataram dificuldade em mandar os áudios/vídeos, em função de falta de equipamentos e dor de garganta.”.

Por último, as palavras “Medley” e “vídeo” se referem ao eixo “o que se ensina”. Nesse caso, o eixo refere-se ao repertório trabalhado nas aulas, e não aos conteúdos efetivamente ensinados; é o que ocupa o tempo da aula, mas não é conteúdo de ensino no sentido estrito.

Enquanto o primeiro documento traz uma anotação marcada pela apresentação de conteúdos, como iniciação ao piano, teoria musical, análise, repertório, harmonia e acordes, o segundo, apesar de também trazer alguns conteúdos, apresenta como focos os procedimentos de ensino dessa aula, o passo a passo do que foi feito, e os alunos, ao relatar suas reações e respostas durante a aula. Portanto, no primeiro documento o eixo mais presente é o “o que ensinar”, enquanto, no segundo, os eixos são “como se ensina” e “a quem se ensina”.

Outra diferença de frequência aparece nos registros a seguir. Primeiro, a anotação feita em 2018, do aluno Guilherme:

**Figura 5: Análise de anotação da aula do aluno Guilherme (12/05/2018)**

**2018**

12/05/2018

Primeira aula do aluno Guilherme. Ele estuda direito na PUCRS e canta desde pequeno. Tem bastante vergonha, percebi que ele olha para os lados ou para o chão quando faz os exercícios. Tem uma voz grave e dificuldade com os agudos. Gosta muito de tocar violão, sabe um pouco de bateria também e seus gêneros favoritos são rock e músicas de teatros musicais. Ele faz bastante força com o pescoço e é uma pessoa bastante tensa (faz estágio e me disse que o escritório onde trabalha é bem puxado).

Camila Orsatto... A quem se ensina

Camila Orsatto... O que se ensina

Fonte: a autora.

Nos trechos “Gosta muito de tocar violão, sabe um pouco de bateria também e seus gêneros favoritos são rock e músicas de teatros musicais” e “Tem uma voz grave e dificuldade com os agudos” o eixo é a quem se ensina. Já no trecho “exercícios”, o eixo é “o que se ensina”.

O trecho a seguir é um recorte do relatório de estágio elaborado em 2021:

**Figura 6: Análise de relatório de estágio (19/11/2021)**

19 de novembro, 2021

Na aula de hoje tinham poucas câmeras ligadas, e pedi a quem pudesse que ligasse. Falo muito da Luiza, do Pedro, da Isabelle, da Lara e da Manu porque são os alunos e as alunas que mais interagem comigo e com os colegas. Por sinal, hoje a Isabelle fez muitas perguntas! Eu precisava ajudar os colegas nas suas escolhas de sons para gravarem, mas a Belle tomou certo tempo, mas sempre com perguntas e constatações pertinentes e curiosas.

Logo no início disse aos alunos que hoje era o dia para cada um escolher o seu som para gravar, ou a sua música. Eles poderiam manter suas sugestões da tarefa da penúltima semana e apenas gravar (ou no caso de quem escolheu uma música apenas reafirmar a escolha). Fiquei um pouco chateada porque não tive muitos retornos e essa falta de envios me deixou com muitos buracos para fazer o episódio sozinha, com poucos desenhos e poucos sons.

Camila Orsatto... Como ensinar  
 Camila Orsatto... A quem se ensina  
  
 Camila Orsatto... Como ensinar  
  
 Camila Orsatto... Como ensinar  
 Camila Orsatto... O que se ensina  
  
 Camila Orsatto... Sobre quem ensina (chateação)

Fonte: a autora.

Os trechos “Falo muito da Luiza, do Pedro, da Isabelle, da Lara e da Manu porque são os alunos e as alunas que mais interagem comigo e com os colegas”, “Por sinal, hoje a Isabelle fez muitas perguntas!” e “a Belle tomou certo tempo, mas sempre com perguntas e constatações pertinentes e curiosas” são informações referentes ao eixo “a quem se ensina”.

O eixo “como se ensina” aparece nos trechos “Na aula de hoje tinha poucas câmeras ligadas, e pedi a quem pudesse que ligasse”, “Eu precisava ajudar os colegas nas suas escolhas de sons para gravarem” e neste trecho mais longo:

Logo no início disse aos alunos que hoje era o dia para cada um escolher o seu som para gravar, ou a sua música. Eles poderiam manter suas sugestões da tarefa da penúltima semana e apenas gravar (ou no caso de quem escolheu uma música apenas reafirmar a escolha).

Por fim, o trecho “o seu som para gravar, ou a sua música” se refere ao eixo “o que se ensina”.

Enquanto a anotação da aula particular traz informações sobre o aluno e sobre os conteúdos, o relatório traz, além dos conteúdos e informações sobre os alunos, os procedimentos de ensino, de forma conjunta e relacionada. Uma questão

interessante nos relatórios de estágio é a apresentação de alguns eixos de forma interligada: o “como se ensina” está junto com “a quem se ensina”, o que mostra a interação entre professora e alunos, não apenas o procedimento isolado, mas a relação deste com a turma.

Enquanto os relatórios de estágio mostram uma maior preocupação com os procedimentos de ensino de forma interligada com os eixos “a quem se ensina” e “o que se ensina”, as anotações das aulas particulares têm como foco principal a apresentação dos conteúdos e dos alunos. Isso ocorre pois, enquanto o objetivo inicial das anotações era registrar para não esquecer o que foi feito em aula, o propósito dos relatórios era de refletir sobre a prática. Além disso, nos relatórios de estágio eu era solicitada a escrever relatórios detalhados e reflexivos, o que não acontecia com as anotações das aulas particulares.

Com relação às similaridades, ambos os tipos de documento dão bastante ênfase aos alunos. Existe uma preocupação com a aprendizagem do aluno e suas particularidades, além de uma preocupação com o seu contexto e suas preferências musicais. A preocupação com o aluno sempre foi um ponto central na minha prática docente, o que justifica a frequência similar do eixo a quem se ensina em ambos os tipos de documentos.

O trecho a seguir traz uma anotação feita sobre a aula da aluna particular Laura, elaborado em 2020.

**Figura 7: Análise de anotação de aula da aluna Laura (07/10/2020)**

07/10/2020: hoje foi uma daquelas aulas difíceis; tive que lidar com muita falta de atenção, dispersão e assuntos paralelos que foram surgindo em qualquer brecha. |

Começamos a aula no Zoom, mas as opções de fundo estavam gerando muita bagunça, então optei por trocar de ferramenta e fomos para o whatsapp. Começamos com o alongamento de sempre - ombros, braços, cabeça... - e depois fomos para os exercícios vocais. Logo no início, muita risada e nenhuma vontade de fazer. Tentei mais um pouco, troquei de exercícios, escolhi os favoritos dela, e nem assim. Percebi que hoje não era o dia para exercícios e troquei de proposta.

Pedi a ela que escolhesse uma música para cantar, ela disse que não sabia. Sugeri várias que já havíamos estudado juntas, outras que eu achei que talvez ela gostasse, mas nenhuma ela aprovou. Troquei de proposta novamente: sugeri a ela que fosse ao piano. Ela disse que não estava com vontade. Perguntei se ela não queria fazer aula, ela me disse que sim, queria, mas estava cansada. Perguntei então o que ela gostaria de fazer hoje, ela disse: sei lá. Fiquei por vários minutos nessas tentativas de conversa, trocas de proposta (composição, apreciação de vídeos e músicas, instrumentos diferentes, notação musical, canto...) até que disse que eu teria que conversar com a mãe dela, porque não podíamos ficar sem fazer nada e não era a primeira aula que isso acontecia. Ela começou a chorar e disse que não precisava chamar ela, que ela só estava cansada.

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... Como se ensina

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... Como se ensina

Luciana Del-Ben É saber conceber como™

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... Como se ensina

Luciana Del-Ben É saber conceber como™

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... O que se ensina

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... O que se ensina

Camila Oratto... A quem se ensina

Fonte: a autora.

Nos trechos a seguir, o eixo referente é “a quem se ensina”: “Hoje foi uma daquelas aulas difíceis; tive que lidar com muita falta de atenção, dispersão e assuntos paralelos que foram surgindo em qualquer brecha”, “Logo no início, muita risada e nenhuma vontade de fazer”, “ela disse que não sabia”, “mas nenhuma ela aprovou”, “Ela disse que não estava com vontade”, “ela me disse que sim, queria, mas estava cansada”, “ela disse: sei lá” e “Ela começou a chorar e disse que não precisava chamar ela, que ela só estava cansada”.

O eixo “como se ensina” aparece no trecho a seguir:

Começamos a aula no Zoom, mas as opções de fundo estavam gerando muita bagunça, então optei por trocar de ferramenta e fomos para o *whatsapp*. Começamos com o alongamento de sempre - ombros, braços, cabeça... - e depois fomos para os exercícios vocais.

O eixo “saber escolher e conceber como ensinar em cada situação” aparece nos trechos “Tentei mais um pouco, troquei de exercícios, escolhi os favoritos dela, e nem assim. Percebi que hoje não era o dia para exercícios e troquei de proposta” e

Pedi a ela que escolhesse uma música para cantar, ela disse que não sabia. Sugerí várias que já havíamos estudado juntas, outras que eu achei que talvez ela gostasse, mas nenhuma ela aprovou. Troquei de proposta novamente: sugeri a ela que fosse ao piano. Ela disse que não estava com vontade. Perguntei se ela não queria fazer aula, ela me disse que sim, queria, mas estava cansada. Perguntei então o que ela gostaria de fazer hoje, ela disse: sei lá. Fiquei por vários minutos nessas tentativas de conversa, trocas de proposta (composição, apreciação de vídeos e músicas, instrumentos diferentes, notação musical, canto...) até que disse que eu teria que conversar com a mãe dela, porque não podíamos ficar sem fazer nada e não era a primeira aula que isso acontecia.

Por último, nos trechos “no piano” e “(composição, apreciação de vídeos e músicas, instrumentos diferentes, notação musical, canto...)”, o eixo presente é “o que se ensina”.

Nessa anotação, os eixos marcantes são “a quem se ensina”, “como se ensina” e “saber conceber e escolher como ensinar”. Os três eixos, de forma relacionada, mostram a preocupação com a aluna e escolhas feitas em prol da aprendizagem dela: as trocas de exercício, as sugestões de propostas e as perguntas relacionadas com as possíveis vontades da estudante.

O documento abaixo traz um trecho de um dos relatórios de estágio elaborados em 2021. Nessa aula, estávamos criando personagens e cenas para um episódio de anime que estávamos elaborando juntos:

**Figura 8: Análise de relatório de estágio (29/10/2021)**

29 de outubro, 2021

Achei muito bacana que os alunos inventaram nomes engraçados e pensaram em problemas e soluções, aberturas e desfechos, sem eu precisar sugerir muitas ideias. A Luiza é muito participativa, assim como a Isabelle, o João Pedro, a Manuela e o Lucas. A Manu disse que não conhecia e não gostava muito de animes, então eu decidi chamar ela para complementar a história, e disse que ela podia inventar o que ela quisesse, não precisava ter como base os animes, podia criar a cena que quisesse (sugeri a invasão da vila). Pedi também para a Sofia, que não era muito fã de animes, para escolher um dos sobrenomes de um dos personagens. Escolheu Jujuba. |

O episódio foi elaborado por eles a partir de referências de animes mas também de sugestões avulsas, o que foi muito importante para incluir todos os alunos. Percebi que tanto a Manuela quanto a Sofia ficaram contentes de terem suas ideias incluídas, mesmo não assistindo animes conseguiram contribuir. Outra coisa legal foi a vontade dos meninos, que pouco se pronunciam normalmente, de sugerir cenas (de batalhas, correrias, inimigos, enganações...).

Fonte: a autora.



O eixo “a quem se ensina” permeia todo o relatório, aparecendo nos trechos “Pedi também para a Sofia, que não era muito fã de animes, para escolher um dos sobrenomes de um dos personagens”, “O episódio foi elaborado por eles a partir de referências de animes mas também de sugestões avulsas, o que foi muito importante para incluir todos os alunos” e nos trechos abaixo:

Percebi que tanto a Manuela quanto a Sofia ficaram contentes de terem suas ideias incluídas, mesmo não assistindo animes conseguiram contribuir. Outra coisa legal foi a vontade dos meninos, que pouco se pronunciam normalmente, de sugerir cenas (de batalhas, correrias, inimigos, enganações...).

Achei muito bacana que os alunos inventaram nomes engraçados e pensaram em problemas e soluções, aberturas e desfechos, sem eu precisar sugerir muitas ideias. A Luiza é muito participativa, assim como a Isabelle, o João Pedro, a Manuela e o Lucas. A Manu disse que não conhecia e não gostava muito de animes, então eu decidi chamar ela para complementar a história,

Já o eixo “como se ensina” aparece nos trechos “e disse que ela podia inventar o que ela quisesse, não precisava ter como base os animes, podia criar a cena que quisesse”, “Pedi também para a Sofia, que não era muito fã de animes, para escolher um dos sobrenomes de um dos personagens” e “O episódio foi elaborado por eles a partir de referências de *animes* mas também de sugestões avulsas, o que foi muito importante para incluir todos os alunos”.

Nesse relatório, é nítida a minha preocupação com os alunos para que todos se sentissem incluídos na proposta. Os eixos presentes são “a quem se ensina” e “como se ensina”, o que mostra o foco nos procedimentos de ensino de forma conectada com os alunos. É interessante perceber que esses eixos do conhecimento se cruzam, já que em um mesmo trecho estão presentes mais de um eixo. Isso ocorre devido à relação entre professora e alunos, pois os procedimentos da aula acontecem com os alunos, e o referido relatório traz esse dinamismo e interação.

Os eixos “saber conceber e escolher como ensinar”, “saber analisar e avaliar como se ensinou” e “saber por que e para que ensinar” são os que apresentam frequências mais baixas. O eixo “saber reorientar as estratégias futuras com base na avaliação feita” não apareceu em nenhum dos tipos de materiais analisados. Isso se deve ao meu processo de construção como professora. Saber escolher de acordo com cada situação, analisar, avaliar e entender as razões pelas quais se ensina são saberes que ainda estou desenvolvendo dentro da minha prática e que aparecem mais nos registros mais recentes do que nos iniciais.

Com relação ao eixo “saber analisar e avaliar como se ensinou”, ele não é tão frequente, pois percebo a análise reflexiva e a avaliação como eixos em construção na minha prática docente. A partir da elaboração dos relatórios de estágio, fui buscando desenvolver a minha capacidade de análise e reflexão e percebo algumas pequenas mudanças em alguns documentos. Inicialmente, comecei a anotar para não esquecer detalhes e informações; depois, aprendi a escrever para não esquecer dos meus processos de construção, dos meus erros e acertos, minhas dificuldades e potencialidades. Essa análise e essa avaliação aparecem sutilmente no final do registro abaixo, elaborado em 2019, no trecho “Fui ensinando os nomes das figuras

a partir dos desenhos, e parece que a aprendizagem fez mais sentido quando ela colocou um pouquinho dela ali nos desenhos”.

**Figura 9: Análise de anotação de aula da aluna Laura (24/07/2019)**

24/07/2019 - hoje eu estava com dificuldade para abordar figuras rítmicas na aula da Laura. Ela estava bem dispersa e percebi que teria que fazer alguma coisa mais criativa ou mais interessante para que ela prestasse a atenção. Fui para o quadro branco da sala e desenhei várias figuras rítmicas, incluindo pausas e também as claves de sol e de fá. Pedi a ela que em cada uma dessas figuras ela desenhasse algo a partir delas. Saíram coisas bem diferentes, um senhor com um chapéu na pausa de mínima, uma girafa na semínima, um fone de ouvido nas colcheias e um frango assado a partir da pausa de semínima. Fui ensinando os nomes das figuras a partir dos desenhos, e parece que a aprendizagem fez mais sentido quando ela colocou um pouquinho dela ali nos desenhos.

-  **Camila Orsatto Paula**  
A quem se ensina
-  **Camila Orsatto Paula**  
Saber conceber como ensinar em cada situação
-  **Camila Orsatto Paula**  
Saber conceber como ensinar
-  **Camila Orsatto Paula**  
O que se ensina
-  **Camila Orsatto Paula**  
Analisar e avaliar como se ensinou

Fonte: a autora.

Com mais presença, o eixo referido também aparece no trecho a seguir, elaborado em 2021. Esse relatório de estágio traz reflexões posteriores aos ocorridos na aula, sobre a minha prática, sobre a recepção dos alunos e as minhas expectativas e sentimentos, analisando e avaliando a aula e seu contexto. É interessante trazer na escrita esse tipo de reflexão, pois ela diz muito sobre mim como professora, trazendo uma análise das minhas angústias, meus desejos e minhas realizações. Acredito que a presença desse eixo nesse documento em específico seja em função de eu ter acumulado experiências em sala de aula e já ter um pouco mais de prática na elaboração de relatórios. Dessa forma, a análise e a reflexão foram mais fluentes e decorrentes dos processos em sala de aula.

**Figura 10: Análise de relatório de estágio (18/10/2021)**

18 de outubro de 2021

Depois da aula, fiquei pensando sobre tudo o que os alunos falaram, o engajamento, os comentários sinceros, os pensamentos, as reflexões, as frases que mostram muito mais coisas do que parecem se olharmos mais profundamente. Achei importante dar espaço para eles falarem, e perguntar porque realmente me interessa ouvir. Eles têm muito pra dizer. Espero que eu consiga, assim como acredito que fiz hoje, despertar neles a vontade de falar, de ouvir, de ouvir de novo e de se encontrar e se perder em caminhos livres e mediados para pensar, repensar e comunicar.

Foi uma experiência transformadora, não imaginava que fosse tirar tantas coisas de uma aula de 45 minutos. Aliás, 50, porque os alunos não queriam parar de falar! A Joana teve que pedir a eles que se tivessem dúvidas ou comentários me mandassem no chat, porque a aula já tinha acabado. Estou ansiosa para retornar na semana que vem e aprender muito mais junto com eles!



Fonte: a autora.

Com relação às anotações sobre os alunos particulares, é nítida uma mudança de enfoque quando comparo os escritos iniciais com os mais recentes. Ao reler os materiais percebo que, conforme os anos foram passando e fui ampliando meus conhecimentos e experiências, a estrutura das anotações das aulas particulares foi se modificando e incorporando um pouco do detalhamento e reflexão presentes nos relatórios de estágio. Além disso, vários dos eixos menos frequentes nos registros iniciais começam a aparecer, mesmo que de forma breve.

O exemplo a seguir traz as primeiras anotações que fiz, em 2014, sobre minha primeira aluna de canto:

**Figura 11: Análise de anotação de aula da aluna Marina (2015)**

**2015**

A Marina foi minha primeira aluna de canto. As aulas iniciaram no fim de 2014 (13 anos), logo após o festival de música do Colégio João XXIII (2014, Ana Júlia, Los Hermanos). Ao começar, ela tinha bastante dificuldade de percepção, respiração e ritmo. A evolução foi rápida, logo já percebemos grandes resultados. É uma aluna esforçada, focada e talentosa (estuda em casa e se concentra nos exercícios, com gosto).

Camila Orsatto Paula  
A quem se ensina

Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

Luciana Del-Ben  
Mas também é a quem se ensina, pq vc aponta as dificuldades dela

Camila Orsatto Paula  
O que se ensina (contexto e percurso da aluna)

Camila Orsatto Paula  
A quem se ensina

Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

Fonte: a autora.

Essa anotação tem pouco detalhamento e traz informações sobre a aluna, suas dificuldades e avanços, mas sem especificar quais eram eles. O eixo “o que se ensina” aparece nos trechos “exercícios”, “A evolução foi rápida, logo já percebemos grandes resultados” e “percepção, respiração e ritmo”. Já o eixo “a quem se ensina” aparece nos trechos “A Marina foi minha primeira aluna de canto. As aulas iniciaram no fim de 2014 (13 anos), logo após o festival de música do Colégio João XXIII (2014, Ana Júlia, Los Hermanos)”, “Ao começar, ela tinha bastante dificuldade” e “É uma aluna esforçada, focada e talentosa (estuda em casa e se concentra nos exercícios, com gosto)”.

Já o documento abaixo traz uma anotação sobre a mesma aluna, elaborada seis anos depois:

**Figura 12: Análise de anotação de aula da aluna Marina (15/08/2020)**

Na aula do dia 15/08, focamos bastante em técnicas de verticalização, ressonância, foco e arredondamento. Os agudos estão mais melódiosos e não tão forçados como no ano passado e início desse ano. Além disso, praticamos técnicas de como manter o ar em determinadas frases que precisam de mais “gás” no final, em uma ou mais notas mais agudas. A prática se baseou na ideia de economizar o ar, soltar aos poucos, trabalhando o diafragma, a fim de sobrar ar para o fim da frase, mais intenso.

Em seguida, fizemos uma análise de uma performance escolhida por ela, da cantora Jessie J, ampliando o conhecimento e estudo sobre teoria musical e conceitos como timbre, melodia, extensão, tessitura... A aluna gosta bastante desse tipo de atividade, tem bastante curiosidade e sempre elabora textos ricos e completos, pedindo por mais atividades assim. Trabalhamos também com o relaxamento e controle do nervosismo, utilizando técnicas como a de relaxar os joelhos, como se alguém estivesse nos desequilibrando. Assim, relaxamos “obrigados”, pois é como se fosse um susto, um relaxamento sem pensar, o que não nos dá tempo para tensionar qualquer parte do corpo (costas, ombros, pescoço, mandíbula) e fortalece a voz. Nos últimos 30 minutos (a aula dura 1h30), cantamos a música que analisamos e é nítido que os exercícios facilitaram a execução da canção. O refrão, que é a parte mais difícil pois é bem aguda (chegando em um dó 4), depois de duas tentativas já saiu corretamente. Para a próxima aula, a ideia é que ela assista novamente o vídeo, buscando perceber as nuances da interpretação e da expressividade da cantora.

Camila Oratto... O que ensinar  
Camila Oratto... Como se ensina  
Camila Oratto... O que se ensina  
Camila Oratto... Como se ensina  
Camila Oratto... Como se ensina

Camila Oratto... Como se ensina  
Camila Oratto... O que se ensina  
Camila Oratto... A quem se ensina

Camila Oratto... O que se ensina  
Camila Oratto... Como se ensina

Camila Oratto... Analisar e avaliar como se

Camila Oratto... O que se ensina

Camila Oratto... O que se ensina

Fonte: a autora.

O eixo “o que se ensina” aparece nos trechos “técnicas de verticalização, ressonância, foco e arredondamento”, “teoria musical e conceitos como timbre, melodia, extensão, tessitura”, “Trabalhamos também com o relaxamento e controle do nervosismo”, “O refrão, que é a parte mais difícil pois é bem aguda (chegando em um dó 4), depois de duas tentativas já saiu corretamente” e “Para a próxima aula, a ideia é que ela assista novamente o vídeo, buscando perceber as nuances da interpretação e da expressividade da cantora”.

Já o eixo “como ensinar” aparece nos trechos “focamos bastante em técnicas de verticalização, ressonância, foco e arredondamento”, “Além disso, praticamos técnicas de como manter o ar em determinadas frases que precisam de mais gás no final, em uma ou mais notas mais agudas.”, “A prática se baseou na ideia de economizar o ar, soltar aos poucos, trabalhando o diafragma, a fim de sobrar ar para o fim da frase, mais intenso”, e também no trecho a seguir:

Em seguida, fizemos uma análise de uma performance escolhida por ela, da cantora Jessie J, ampliando o conhecimento e estudo sobre teoria musical e conceitos como timbre, melodia, extensão, tessitura... A aluna gosta bastante desse tipo de atividade, tem bastante curiosidade e sempre elabora textos ricos e completos, pedindo por mais atividades assim. Trabalhamos também com o relaxamento e controle do nervosismo, utilizando técnicas como a de relaxar os joelhos, como se alguém estivesse nos desequilibrando. Assim, relaxamos “obrigados”, pois é como se fosse um susto, um relaxamento sem pensar, o que não nos dá tempo para tensionar qualquer parte do corpo (costas, ombros, pescoço, mandíbula) e fortalece a voz.

O eixo “a quem se ensina” está presente no trecho “A aluna gosta bastante desse tipo de atividade, tem bastante curiosidade e sempre elabora textos ricos e completos, pedindo por mais atividades assim”, enquanto o eixo “analisar e avaliar como se ensinou” aparece no trecho “Nos últimos 30 minutos (a aula dura 1h30), cantamos a música que analisamos e é nítido que os exercícios facilitaram a execução da canção”.

A anotação acima abrange os conteúdos presentes na aula, as informações e avaliações do desempenho da aluna, descreve os procedimentos da aula e avalia a aula e as ferramentas utilizadas. A elaboração do texto, além de mais detalhada, traz de forma integrada os eixos do conhecimento, mais especificamente, as relações entre o conteúdo, o procedimento de ensino, a avaliação da aula e a aluna. Além disso, percebo que, com esse formato de registro, que abrange mais informações e relações entre os eixos de conhecimento, o que ocorreu em aula fica muito mais claro; é mais fácil enxergar as dificuldades, as potencialidades e os detalhes do processo de ensino e aprendizagem.

Abaixo, outros dois documentos que mostram esse desenvolvimento da escrita e de análise e reflexão – duas anotações das aulas particulares da aluna Nina. A primeira traz os acontecimentos da aula em itens, sem detalhes e explicações sobre os procedimentos; as informações são mais soltas:

**Figura 13: Análise de anotação de aula da aluna Nina (14/03/2019)**

14/03/2019

- Primeira aula da Nina, 13 anos (indicação da dentista dos meus pais).
- Voz aerada/rouca
- Facilidade com melismas e super expressiva
- Bastante animada para começar os estudos
- Expectativas dela: aprender a fazer vibratos, respirar melhor, deixar a voz mais firme e clara.
- Cantamos Lavander's blue, do filme da Cinderella (voz bem melodiosa, dificuldade com os falsetes, felicidade ao cantar a música, parece que se sente uma princesa mesmo)

Camila Orsatto... A quem se ensina

Camila Orsatto... O que se ensina

Camila Orsatto... A quem se ensina

Camila Orsatto... O que se ensina

Fonte: a autora.

Nos trechos “Primeira aula da Nina, 13 anos”, “Voz aerada/rouca”, “Facilidade com melismas e super expressiva”, “Bastante animada para começar os estudos”, “Expectativas dela: aprender a fazer vibratos, respirar melhor, deixar a voz mais firme e clara” e “(voz bem melodiosa, dificuldade com os falsetes, felicidade ao cantar a música, parece que se sente uma princesa mesmo)”, o eixo presente é “a quem se ensina”. Já nos trechos “melismas”, “vibratos, respirar melhor, deixar a voz mais firme e clara”, “Lavander's blue, do filme da Cinderella” e “falsetes”, o eixo presente é “o que se ensina”.

Já a anotação a seguir explica melhor o desenvolvimento da aula, assim como traz, além dos conteúdos e dados sobre a aluna, a avaliação da aula a partir dos resultados da aluna, o detalhamento do passo a passo do que foi feito e a escolha das atividades a partir das necessidades da aluna.

**Figura 14: Análise de anotação de aula da aluna Nina (07/09/2020)**

07/09/2020 – A Nina tem algumas dificuldades de percepção, às vezes canta em um tom que não é o mesmo da trilha, ou muda o tom no meio da música para facilitar a produção da voz. Inconscientemente ela faz isso. Hoje foi uma das aulas escolhidas para trabalhar com percepção e pedi a ela primeiro que escutasse a trilha que fiz para ela da música Part of your world. Depois cantasse mentalmente, percebendo como a voz vai se encaixar, ouvindo a melodia tocada no piano e os acordes que vão receber e dar “cama” à voz. Por último, pedi que ela cantasse, prestando a atenção não só na voz dela, mas na melodia e na harmonia tocadas pelo piano. Ela conseguiu se manter no tom por mais tempo! Tiveram momentos em que ela fugiu do tom e em alguns deles tivemos que parar a música para ela conseguir voltar. Mas o mais importante foi que ela fugiu menos vezes e percebeu as “fugidas”!

 Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

 Camila Orsatto Paula  
A quem se ensina

 Camila Orsatto Paula  
Como se ensina

 Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

 Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

 Camila Orsatto Paula  
O que se ensina

Fonte: a autora.

No trecho “A Nina tem algumas dificuldades de percepção, às vezes canta em um tom que não é o mesmo da trilha, ou muda o tom no meio da música para facilitar a produção da voz. Inconscientemente ela faz isso”, o eixo presente é “a quem se ensina”. Nos trechos “melodia”, “acordes”, “harmonia”, “Part of your world”, “percepção” o eixo presente é “o que se ensina”. Já o trecho abaixo refere-se ao eixo “como se ensina”:

Hoje foi uma das aulas escolhidas para trabalhar com percepção e pedi a ela primeiro que escutasse a trilha que fiz para ela da música Part of your world. Depois cantasse mentalmente, percebendo como a voz vai se encaixar, ouvindo a melodia tocada no piano e os acordes que vão receber e dar “cama” à voz. Por último, pedi que ela cantasse, prestando a atenção não só na voz dela, mas na melodia e na harmonia tocadas pelo piano.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tive como objetivo identificar traços do meu processo de construção como professora de música, que trabalha e estuda, tecendo relações entre minha atuação como professora particular e como estagiária do curso de licenciatura em música.

Os eixos do conhecimento de Roldão (2010) me permitiram analisar os documentos selecionados e perceber traços da minha construção como professora de música. Identificar o que cada anotação e cada relatório trazem consigo de saberes me possibilitou compreender também quais os aspectos que eu julgava importante registrar e para onde se direcionava minha atenção em cada período e em cada contexto de atuação como professora. Ao refletir sobre a frequência de cada um dos eixos nos documentos, fui buscando compreender quais as minhas preocupações enquanto professora e quais saberes docentes ainda estão em processo de construção.

Em ambos os tipos de documentos, os eixos “a quem se ensina”, “como se ensina” e “o que se ensina” se mostraram os mais frequentes. O aluno está no centro das análises e minha preocupação com ele é nítida, envolvendo suas aprendizagens e seus contextos. Percebo também que os eixos “analisar e avaliar como se ensinou” e “conceber e escolher como ensinar de acordo com cada situação”, embora se apresentem em frequências menores, tiveram um aumento sutil nos documentos mais atuais, o que mostra uma intenção de refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem. Isso se deve ao fato das experiências e discussões nas aulas de estágio me proporcionarem momentos de análise e reflexão sobre as práticas.

Como dificuldades, noto que reconhecer os conteúdos a partir do eixo “o que se ensina” e definir objetivos a partir do eixo “por que e para que se ensina” são dois dos desafios que tive até então, e que seguirei trabalhando para que consiga contemplá-los em meus registros e em minhas práticas futuras. Além disso, o eixo ausente, que não apareceu em nenhuma das análises dos documentos, “saber reorientar as estratégias futuras com base na avaliação feita”, é algo que demanda

uma atitude bastante reflexiva do professor, algo que sigo em busca no meu processo de construção.

Percebo que os dois tipos de documentos, quando analisados e comparados, trazem o meu processo de construção como professora como um conjunto de experiências, desafios, potenciais e dificuldades. A experiência precoce como professora particular me oportunizou a aprendizagem a partir dos meus próprios erros e acertos – a construção de uma docente em seus pequenos passos sem instrução formal – enquanto a experiência no curso de licenciatura em música e, especialmente, no estágio, me deu embasamento para ingressar na sala de aula com fundamentos, teorias, reflexões e outras experiências.

Ao longo deste trabalho, pude reviver meu percurso desde a minha iniciação como professora e percorrer minha trajetória, lendo, selecionando e analisando todos os documentos escritos. A experiência de escrever sobre as aulas me possibilitou um processo de autoconhecimento e reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem, e os eixos do conhecimento me permitiram olhar para minhas duas experiências como docente e refletir sobre as minhas práticas até aqui. A partir deles, seguirei trabalhando na docência, buscando uma atitude cada vez mais inquiridora e reflexiva.

## REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- DERETTI, Paulo Alfredo. **Ensinar música remotamente**: um relato sobre o processo de aprender a ser professor de música durante o estágio de docência. UFRGS. 2021. 69 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- GRECO, Andréia Maliszewski Antonio. **Arranjos para o ensino de música na educação básica**: uma narrativa pedagógica da construção de dois arranjos em sala de aula. UFRGS. 2021. 46 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- MORATO, Cíntia Thais. **Estudar e trabalhar durante a graduação em música**: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música. UFRGS. 2009. 291 p. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SUÁREZ, Daniel. **Docentes, narrativas e indagación pedagógica del mundo escolar**. Hacia otra política de conocimiento para la formación docente y la transformación democrática de la escuela. Buenos Aires: Imprenta de la UBA, 2007.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.
- JUNIOR, E. B. L., de Oliveira, G. S., dos Santos, A. C. O., & Schnekenberg, G. F. (2021). Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, p. 36-51, abr. 2021.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 295-316.
- ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007.